

Simpósio AT031

DE MEDOS E MONSTROS: ASPECTOS SOBRE O FEMININO EM *MELUSINA*

Tatiana Alves SOARES
CEFET-RJ
tatiana.alves.rj@gmail.com

Resumo

No final do século XIV, Jean D'Arras compila *A História de Melusina ou o Romance dos Lusignan*, transpondo para a escrita uma lenda que habitava o repertório popular, difundida oralmente. Assumindo simultaneamente contornos de um livro de linhagem e de um mito de origem, o texto retrata a tensão de uma época dividida entre o cristianismo, que se impunha, e o paganismo, que resistia. A caracterização da protagonista como um ser híbrido estabelece um conflito entre os diferentes códigos religiosos, permitindo uma reflexão acerca do imaginário medieval. Constituindo-se numa representativa e ambivalente alegoria da condição feminina no universo de então, a narrativa caracteriza-se por um movimento pendular, marcado, de um lado, pela repressão cristã, e, de outro, pela transgressão representada pelo imaginário pagão. Dessa forma, o presente estudo tem por objetivo refletir acerca da representação da mulher e do monstro na cultura medieval à luz do pensamento de Delumeau, Kappler, Brunel e Le Goff. Por meio da representação híbrida, fundindo, de forma ambivalente, os imaginários cristão e pagão, busca-se pensar a figura feminina à luz da dicotomia Bem/Mal presente no universo medieval.

Palavras-chave: Literatura Medieval; Religião; Melusina; Feminino.

Abstract

At the end of the fourteenth century, Jean D'Arras compiled *The History of Melusina or the Romance of the Lusignans*, transposing to writing a legend that inhabited the popular repertoire, orally distributed. Assuming simultaneously the outlines of a lineage book and a myth of origin, the text portrays the tension of an era divided between Christianity, and the paganism that resisted. The characterization of the protagonist as a hybrid being establishes a conflict between the different religious codes, allowing a reflection on the medieval imaginary. As a representative and ambivalent allegory of the feminine condition in the universe of the time, the narrative is characterized by a pendular movement, marked, on the one hand, by Christian repression, and, on the other hand, by the transgression represented by the pagan imaginary. Thus, the present study aims to reflect on the representation of woman and monster in medieval culture in the light of the thought of Delumeau, Kappler, Brunel and Le Goff. Through hybrid representation, ambivalently merging the Christian and

Pagan imaginary, one seeks to think of the female figure in the light of the dichotomy Well/Evil present in the medieval universe.

Keywords: Medieval Literature; Religion; Melusina; Female.

No final do século XIV, entre 1387 e 1392, Jean D'Arras compila *A História de Melusina ou o Romance dos Lusignan*. A narrativa conta a história de uma fada convertida em mulher, e que, vítima de uma maldição, é condenada a transformar-se em mulher-serpente aos sábados, tendo como única possibilidade de levar uma vida normal a condição de desposar um homem que não a observasse no dia de sua transformação. Ao se casar, a personagem-título dá início à nobre linhagem de Lusignan, até desaparecer, por causa da quebra, por parte do marido, da promessa feita a ela, no sentido de jamais a observar no dia mencionado. A partir de então, a protagonista surge, esporadicamente, sob a forma de aparição, a cada vez que sua linhagem se encontra ameaçada.

Repleto de imagens que inserem a narrativa no terreno do maravilhoso, o texto constitui-se numa representativa e ambivalente alegoria da condição feminina no universo medieval, caracterizando-se por um movimento pendular, marcado, de um lado, pela repressão cristã, e, de outro, pela transgressão representada pela ordem pagã. A tensão entre as diferentes ordens religiosas oferece um parâmetro para se pensar a imagem da mulher na cultura medieval.

Claude Kappler, no livro *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*, analisa os elementos que amedrontavam o homem de então. Ao pensar a figura do *monstro*, Kappler destaca o estranhamento por ela instaurado. Segundo ele, haveria uma perturbação de ordem conceitual, uma vez que o monstro pertence ao território do insólito, do inusitado. A figura do monstro gera ainda uma inquietação: a curiosidade humana anseia pela decifração do mistério representado por essa figura grotesca, mas esbarra no conformismo pregado por uma religião que tudo justificava com base na sabedoria divina.

Melusina reproduz os valores do código cristão ao pregar a aceitação de um poder maior e irrevogável. O próprio narrador defende tal atitude no modo como inicia e finda a narrativa, afirmando ser a crença superior ao entendimento. Atitude semelhante é manifestada pela protagonista, cujas palavras falam de paciência e de resignação, mesmo quando dirigidas àquele que, ao quebrar a promessa, causou o seu afastamento. A ordem cristã faz-se notar ainda na educação dada aos filhos pela protagonista. Além de enumerar regras de conduta que se assemelham aos Dez Mandamentos, ela se autoproclama uma fervorosa católica.

Outro traço do pensamento cristão medieval presente no texto refere-se à visão da mulher como mero receptáculo do poder criador atribuído ao homem. A concepção fálica vigente no universo medieval, associando a mulher ao *Mal*, constituiu a mais eficaz das táticas para aniquilar o paganismo. Presina, mãe de Melusina, curiosamente atribui ao marido a condição humana das filhas. Fada amaldiçoada, ela traz em cada uma das herdeiras um estigma de sua mácula, segundo a visão da época. Como que a confirmar tal opinião, Remondín, marido de Melusina, também acusa a esposa de ser a responsável pelas deformidades apresentadas pelos filhos.

Curiosamente, a despeito das anomalias que marcam seus filhos, a protagonista é dotada de inigualável beleza. Segundo Kappler, o que caracteriza o monstro é a *diferença* que ele apresenta em relação aos demais. O *belo* constituiria um desvio da normalidade, sendo, portanto, perigoso. Ao serem comparadas a sereias, fadas e ninfas, Melusina e Presina personificam figuras arquetípicas de beleza e de perdição, apresentando um poder de sedução temido de modo irracional na Idade Média, e que acabou por condenar à fogueira mulheres que tinham sua beleza convenientemente associada à tentação demoníaca. O medo de sucumbir diante do desejo inspirado pela mulher cria uma estratégia de adoração da figura feminina convenientemente direcionada à imagem da Virgem Maria, numa estratégia de se dignificar a mulher justamente a partir da negação de seus atributos de sedução.

Além disso, a protagonista traz consigo nuances que lhe reforçam a ambivalência: se uma das faces de Melusina traduz fertilidade e abundância, após a partida ela surge sistematicamente para prenunciar a morte de alguém da linhagem, concentrando em si aspectos relacionados ao fim e à destruição. Ainda segundo Delumeau, tal ambiguidade se relaciona de forma inequívoca com o feminino, sendo talvez um dos elementos que desencadearam o medo em torno da imagem da deusa pagã.

O código cristão aparece novamente na narrativa em dois momentos emblemáticos: Remondín idealiza a esposa, afirmando ser ela “a mais leal dama jamais nascida depois da Virgem” (D’ARRAS, 1987, p.182) e, em um momento de fúria, evoca a imagem da serpente edênica para acusá-la. Utiliza-se, portanto, de dois referenciais bíblicos para retratar a reverência e o terror inspirados pela mulher, invocando um código cristão que transparece de forma subliminar na própria maldição que envolve a protagonista: ao perder a mortalidade, Melusina é condenada a vagar até o dia do Juízo Final, data cristã que prefigura o fim dos tempos. A narrativa reforça ainda certos aspectos da imagética cristã ao apresentar os filhos do casal triunfando nas guerras de que participam, uma vez que há a sugestão de que os herdeiros de Lusignan saem vencedores das batalhas porque são cristãos em luta contra os *infiéis* ou *não cristãos*, para citar dois epítetos recorrentes na obra. Tais lutas alegorizam a batalha entre o cristianismo e outras religiões, travada nas entrelinhas do texto.

Paralela e simultaneamente ao código cristão, também o código pagão perpassa o romance. Diversos são os momentos em que isso se faz notar, sugerindo uma herança pagã que dialoga com a ordem cristã, subvertendo-a.

A existência de um ser monstruoso, vista à luz da perspectiva cristã, é justificada por desígnios superiores, devendo, portanto, ser aceita de forma incondicional pelo homem. Entretanto, se a teoria da Criação afirma ter sido o homem criado à imagem e à semelhança de Deus, onde situar essa criatura que transita por diferentes esferas, impossibilitando uma classificação? O monstruoso, então, abre espaço para o questionamento, para a voz destoante, para a subversão da ordem. A aberração, ao se situar na esfera do proscrito,

do negado, do maldito, permite ao homem pensar a sua própria condição, já que simboliza a falha na Criação divina. Além disso, afasta-se do modelo original, afirmando-se pela diferença.

No capítulo que dedica a *Melusina* em seu livro *Para um novo conceito de Idade Média*, Jacques Le Goff afirma que o texto se caracteriza por uma alternância entre a ratificação dos valores cristãos e a negação desses mesmos valores, numa releitura do mito de Adão e Eva.

A protagonista, como vimos, é condenada a voltar à condição original de mulher-serpente. O próprio argumento da história remonta ao mito bíblico, atualizando-o, na medida em que funde as figuras da serpente e da mulher envolvidas na *Queda*. Significativamente, contudo, enquanto o texto bíblico mostra a personagem feminina sendo criada posteriormente e com a finalidade de fazer companhia ao homem original, em *Melusina* cabe à mulher a tarefa de encontrar um companheiro que aceite suas condições e segredos sem os questionar, numa releitura que coloca o elemento masculino relegado à posição secundária. Ao fazê-lo, resgata valores pagãos que associavam a divindade ao feminino, cabendo ao homem o papel de consorte no processo da Criação. Além disso, o texto bíblico apresenta uma mulher que incita o homem ao erro, e que é punida juntamente com ele; já o texto aqui analisado coloca o homem como o único responsável pelo rompimento do pacto, trazendo o infortúnio para todos os que o rodeiam.

Outro índice revelador do redimensionamento proposto pelo texto é o fato de o castigo bíblico ser decidido pelo Pai, Deus único, solar e cristão, enquanto em *Melusina* a maldição que condena a heroína a vagar até o fim dos tempos é arbitrada por Presina, sua mãe. Na narrativa, contrariamente ao que ocorre na *Bíblia*, coube à mulher decidir o destino de sua criação.

Talvez a mais expressiva mudança em relação ao código bíblico, entretanto, esteja na própria imagem da *serpente*: enquanto no *Gênesis* ela é vista como inimiga natural do homem e suposto instrumento do demônio para a perdição humana – sendo, por isso, fadada a rastejar e a ser esmagada, lembrando-se eternamente de sua humilhante e mísera condição –, em

Melusina ela constitui uma parte da protagonista, aparecendo alada e voando no momento em que ela abandona a fortaleza de Lusignan. A serpente-mulher da narrativa pertence à esfera do mundo superior, e sua atitude não mais traduz humilhação, mas libertação, conferindo à serpente alada uma imagem distinta da do ofídio bíblico, indicada pela própria simbologia das asas.

A respeito da ambivalência no que tange à figura da serpente, Pierre Brunel, em seu *Dicionário de mitos literários*, assinala o fato de ser esse animal um dos mais férteis, em termos arquetípicos, concentrando em seu simbolismo aspectos que vão do potencial extremo ao que há de mais malévolos no imaginário judaico-cristão. Entretanto, as imagens de ordem simbólica presentes na narrativa apontam uma valorização do código pagão. Sendo um dos elementos que configuram *Melusina* como um ser híbrido, a serpente evoca aqui não mais a imagética cristã, mas uma transcendência do feminino.

Melusina carrega consigo a ambivalência de um tempo de contradição. É, a um só tempo, *macho e fêmea, passado e presente, vida e morte, início e fim*. É dotada da complexidade que marca a Deusa pagã que, ao contrário do Deus solar e cristão, se caracteriza por ser multifacetada, numa perspectiva em que os extremos não são vistos como opostos, mas como complementares.

Como personificação de alguma divindade, ela tem uma relação com Remondín muito mais próxima do referencial pagão do que do tradicional matrimônio cristão. Sua atitude não é de obediência ou de submissão ao marido, como seria natural em uma narrativa que data do século XIV. Desde o início, é ela quem estabelece as bases da união, determinando suas condições e prometendo a ele, em troca, fama e prosperidade. Apesar de invocar o nome de Deus e de por vezes pautar sua conduta pelos valores religiosos de então, a protagonista foge por vezes ao perfil cristão, na medida em que é dotada de poderes mágicos e interfere na vida dos homens, revelando características e atitudes que destoam do corolário cristão medieval.

Outro aspecto que subverte a perspectiva judaico-cristã refere-se ao par de anéis dado a Remondín pela esposa. Os dois anéis, que protegeriam seu portador de qualquer perigo ou traição, representam a inserção do elemento

maravilhoso na narrativa. Além de evocar uma imagem típica dos contos populares, em que o ser mágico dá a seu protegido um amuleto, os anéis trazem em sua simbologia uma perspectiva que reflete a presença pagã no texto, uma vez que reproduzem um tipo peculiar de relação entre os seus donos.

A troca de anéis na celebração matrimonial estabelece um elo de devoção recíproca, o que não ocorre em *Melusina*. Ao dar ao marido ambos os anéis – em momento algum há a referência a uma *troca* –, a protagonista coloca em mão-única a relação de subserviência denotada por eles. Possuindo ela vestígios de uma representação da Grande Mãe pagã, caberia ao amado o papel de consorte, resgatando traços matrilineares silenciados pela cultura patriarcal.

A personagem-título parece contrariar ainda a imagem cristã da mulher ao se revelar a verdadeira criadora do reino de Lusignan. Curiosamente, Remondín mantém-se ausente durante quase todo o período de construção da cidade, a ponto de sequer reconhecer o lugar ao retornar, o que sugere a sua irrelevância no processo e evidencia o papel ativo e demiúrgico da mulher. Remontando à deusa celta da fecundidade, é ela quem semeia o desenvolvimento de sua casa. Criadora da linhagem de Lusignan, ela dá à luz oito varões que se casam com oito herdeiras, tornando-se soberanos dos respectivos reinos. Contrariando a tradição medieval, é ela a personagem decantada na *nobre história de Lusignan*. Ela encarna a força criadora, que se manifesta tanto no ato de construir a imensa cidade quanto no de gerar a nobre descendência.

Outro aspecto relevante refere-se à transformação da personagem, ocorrida sempre aos sábados, dia em que retornava à sua condição híbrida. O *sábado* remete, simultaneamente, às culturas hebraica e celta, em outro índice de paganismo. O termo *sabá* reporta ao *Shabat* judeu e ao *sabá*, suposta reunião de feiticeiras. A personagem aproxima-se, desse modo, dos segmentos mais perseguidos pela Igreja na Idade Média. A simbologia judaica exige o cessar das atividades e, à semelhança do sábado hebreu, nada de novo é

criado nesse dia em Lusignan, terra de abundância e de magia. Além disso, a heroína tem seu lado monstruoso aflorado no dia consagrado às feiticeiras, reforçando o seu lado pagão. Seu repouso aos sábados aproxima-a de simbologias não cristãs, intensificadas pelo amálgama de três figuras malditas pelo cristianismo – a mulher, a serpente e a fada – e, por isso, condenadas à proscrição.

Lusignan situa-se, pois, num espaço ímpar. Trata-se do espaço da mulher-serpente, fundindo, no mesmo caldeirão, imagens de criação e de transgressão, revelando a ambivalência que pautou a representação da mulher no universo medieval.

Referências

BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

D'ARRAS, Jean. **Melusina o la noble historia de Lusignan**. Madrid: Ediciones Siruela, 1987.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JÚNIOR, Hilário Franco. **As utopias medievais**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

KAPPLER, Claude. **Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no universo medieval**. Lisboa: Edições 70, 1990.

_____. *Melusina maternal e arroteadora*. In: _____. **Para um novo conceito de Idade Média**. Lisboa: Estampa, 1979.